

3* JUL 1997

Além da Taprobana

André Gustavo Stumpf

CORREIO BRAZILIENSE

O presidente Fernando Henrique Cardoso está vivendo, na plenitude, a sua própria era Vargas. Ele, que pretendeu extingui-la como prática de política pública, a ressuscitou como exercício de política eleitoral. Getúlio Vargas, como se sabe, é um mistério na história do Brasil: ditador, pai dos pobres, inventor do trabalho, criador da legislação previdenciária, nacionalista, responsável pelo início da industrialização, político habilíssimo, arquiteto de negociações de fino trato, até o momento final, quando deu o golpe de mestre. Saiu da vida e entrou para a história.

A história política do Brasil se divide entre antes e depois de Getúlio.

Ele ficou no poder de 1930 a 1945. Retornou em 1950 e nele permaneceu até o fatídico 24 de agosto de 1954, quando deu o tiro no peito. Ao longo de três décadas foi a referência exclusiva da política nacional. Fez e desfez reputações. Construiu e destruiu alianças. O nosso FHC segue em linha parecida, nesta República Velha, renascida no final do século 20, no Brasil. A aprovação da emenda constitucional que permite a reeleição está produzindo uma espécie de política de governadores, na era da informática.

O presidente da República está escolhendo — e não esconde — seus candidatos aos governos estaduais. Ele procura consolidar, onde pode,

a aliança PSDB/PFL, que, posteriormente, deverá apoiar sua candidatura à Presidência da República. Fernando Henrique tenta colocar um Lerner no Paraná, abre perspectiva para César Maia no Rio, negocia com Maluf em São Paulo, faz força no sentido de desviar Itamar Franco para Minas Gerais, tudo em nome de seu projeto político. É a recriação da política de governadores, contra a qual Getúlio fez a Revolução de 30 e, posteriormente, adotou procedimentos em tudo semelhantes aos daqueles que ajudou a derrubar.

O presidente Fernando Henrique, no entanto, está se excedendo. Está indo além da Taprobana. Ele produziu o prodígio de escolher também

seu adversário. A exemplo do ocorrido nas duas últimas eleições presidenciais, estão inflando o ego de Luiz Inácio Lula da Silva, até que ele se julgue o representante natural das oposições. Aí deverá correr o Brasil na sua Caravana do PT e reunir a votação das esquerdas, ainda perplexas com a falta de um projeto alternativo ao do governo. Esse é o melhor adversário que FHC pode querer. Lula já perdeu duas vezes. Seus opositores sabem como vencê-lo. Só precisam mesmo que, com sua candidatura, ele afaste outros candidatos, estes sim, potencialmente mais capacitados para a disputa.

■ André Gustavo Stumpf é jornalista